



Universidade Federal de Ouro Preto (UFOP)
Instituto de Filosofia, Artes e Cultura (IFAC)
Departamento de Artes Cênicas (DEART)
Licenciatura em Artes Cênicas (COLAC)



TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO

**A AUTOFIÇÃO COMO POSSIBILIDADE NO ENSINO DE ARTES:
uma experiência pandêmica no ambiente escolar.**

MILLENA ALVES TOBIAS

OURO PRETO – MG

2023



Universidade Federal de Ouro Preto (UFOP)
Instituto de Filosofia, Artes e Cultura (IFAC)
Departamento de Artes Cênicas (DEART)
Licenciatura em Artes Cênicas (COLAC)



Millena Alves Tobias

**A AUTOFIÇÃO COMO POSSIBILIDADE NO ENSINO DE ARTES:
uma experiência pandêmica no ambiente escolar.**

Artigo apresentado(a) como Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) ao Curso de Artes Cênicas – Licenciatura do Departamento de Artes Cênicas (DEART) do Instituto de Filosofia, Artes e Cultura (IFAC) da Universidade Federal de Ouro Preto (UFOP), como requisito parcial para a obtenção do diploma de Licenciatura em Artes Cênicas.

Orientador: Prof. Dr. Marcelo Eduardo Rocco Gaspari.

OURO PRETO – MG

2023



FOLHA DE APROVAÇÃO

Millena Alves Tobias

**A AUTOFICÇÃO COMO POSSIBILIDADE NO ENSINO DE ARTES:
uma experiência pandêmica no ambiente escolar**

Artigo apresentado ao Curso de Licenciatura em Artes Cênicas da Universidade Federal de Ouro Preto como requisito parcial para obtenção do título de Licenciando em Artes Cênicas

Aprovada em 28 de março de 2023

Membros da banca

[Doutor] - Marcelo Eduardo Rocco de Gasperi - Orientador (UFOP)
[Doutora] - Letícia Mendes de Oliveira - (UFOP)
[Mestre] - Paulo Ricardo Maffei de Araújo - (CEFART)

Marcelo Eduardo Rocco de Gasperi, orientador do trabalho, aprovou a versão final e autorizou seu depósito na Biblioteca Digital de Trabalhos de Conclusão de Curso da UFOP em 30 de maio de 2023.



Documento assinado eletronicamente por **Marcelo Eduardo Rocco de Gasperi, COORDENADOR(A) DE CURSO DE LICENCIATURA EM ARTES CÊNICAS**, em 04/05/2023, às 14:44, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º, § 1º, do [Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015](#).



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site http://sei.ufop.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0, informando o código verificador **0519438** e o código CRC **A709718C**.

Resumo: O presente artigo analisa a utilização do conceito de autoficção nas Artes Cênicas no contexto escolar pandêmico, no qual se fez necessário após observar a necessidade de se expressar dos discentes (CORDEIRO, 2020). Dessa forma, a discussão tem o intuito de discorrer sobre o uso de materiais biográficos na produção cênica (LEITE, 2014) e refletir sobre a necessidade da escrita biográfica na época da COVID – 19. Essas experiências ocorreram no Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (PIBID) de 2020 a 2022 e na Escola Estadual Marília de Dirceu, no estágio de regência I, na cidade de Ouro Preto – (MG).

PALAVRAS-CHAVE: Autoficção. Arte educação. Pandemia.

Abstract: This paper analyzes the use of the concept of autofiction in the Performing Arts in the pandemic school context, which was necessary after observing the need to express the students (CORDEIRO, 2020). In this way, the discussion aims to discuss the use of biographical materials in scenic production (LEITE, 2014) and reflect on the need for biographical writing at the time of COVID-19. These experiences occurred in the Institutional Program of Scholarship Initiation to Teaching (PIBID) from 2020 to 2022 and in the State School Marília de Dirceu, in the regency internship I, in the city of Ouro Preto - (MG).

KEY WORDS: Autofiction. Art education. Pandemic.

Résumé: Cet article analyse l'utilisation du concept d'autofiction dans les arts du spectacle dans le contexte scolaire pandémique, qui a été nécessaire après avoir observé le besoin d'exprimer les élèves (CORDEIRO, 2020). Ainsi, la discussion vise à discuter de l'utilisation de matériaux biographiques dans la production scénique (LEITE, 2014) et à réfléchir sur la nécessité de l'écriture biographique au moment du COVID - 19. Ces expériences se sont produites dans le Programme institutionnel d'initiation à l'enseignement (PIBID) de 2020 à 2022 et dans l'école publique Marília de Dirceu, dans le stage de la régence I, dans la ville d'Ouro Preto - (MG).

MOTS CLÉS: Autofiction. Éducation artistique. Pandémie.

Considerações iniciais: Um contexto social nunca vivido e um novo desafio.

A pandemia mundial causada pela COVID-19 gerou uma mudança radical no cotidiano de todas as pessoas pelo mundo, afetando várias esferas da sociedade, tais como o âmbito

educacional. O ambiente escolar foi levado para dentro de casa e os docentes, familiares e discentes passaram a enfrentar as dificuldades dessa nova vivência. À vista disso, graças a reclusão das pessoas que passaram a fazer quase todas as atividades dentro de seus domicílios, o incentivo a imersão na internet foi inevitável – sendo o único modo de comunicação, trabalho e socialização para um grupo privilegiado da sociedade, fazendo com que grande parcela dos trabalhadores, ficassem em uma situação delicada, uma vez que não tiveram a opção *home office* em seus empregos, colocando-os em risco durante a pandemia.

Também observamos que o acesso à internet de qualidade é escasso à maioria dos brasileiros, sendo assim, a pandemia causada pela COVID-19 não só amedronta pelo seu grande número de mortos, mas também evidencia a desigualdade social da população brasileira, que refletiu diretamente na educação. Além disso, uma pesquisa da Organização Mundial de Saúde (OMS), apontou que houve um aumento de 25% na prevalência de depressão e ansiedade ¹em todo o mundo, sendo os jovens e mulheres os mais afetados (OPAS, 2022).

Não apenas a falta de recursos como remédios, e a ausência de assistência médica no primeiro instante da pandemia, a reclusão social foi um dos grandes fatores que afetaram gravemente a saúde mental da população mundial, especificamente dos jovens, gerando corpos inseguros, com tantas mortes acontecendo a volta, e o sentimento de desesperança devido à instabilidade da nova doença e esse novo contexto vivido mundialmente.

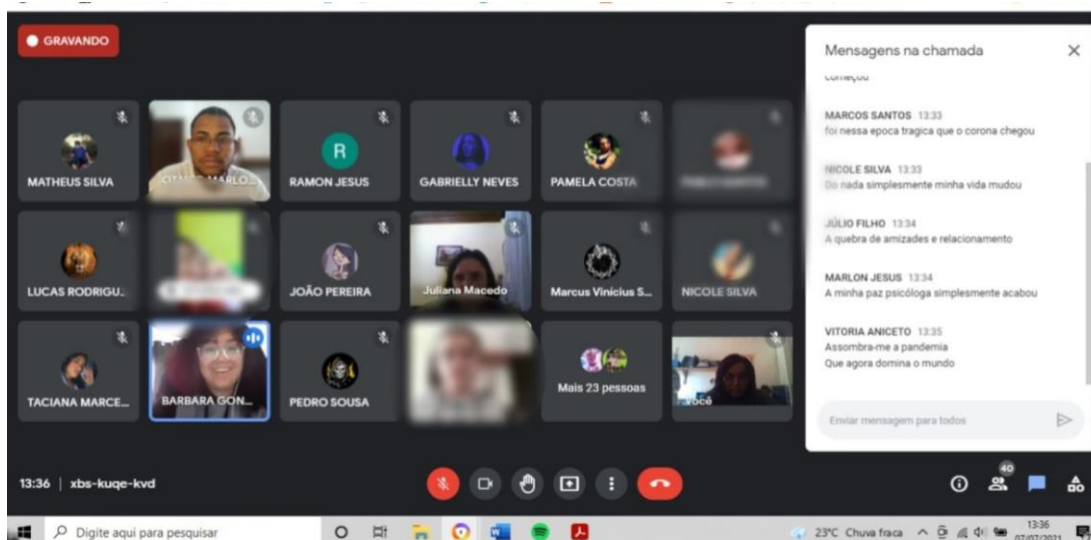
Os jovens foram atingidos de forma duradoura pelo isolamento social, com rompimento de vínculos e interrupção das principais rotinas de estudo e lazer, em uma etapa da vida na qual as atividades sociais são mais intensas e em que as fragilidades emocionais aumentam os riscos à saúde mental. (VAZQUEZ et al., 2022, p.2)

Neste contexto, a escola no meio virtual, ganhou um papel muito importante, pois é um dos poucos lugares de socialização dos jovens, que se encontravam carentes nesse sentido. Sendo assim, no Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (PIBID), que iniciou em 2020², observei um abundante número de alunos por chamada e as câmeras de vídeo fechadas, o que acabou estabelecendo um dos maiores desafios para alunos bolsistas e professores supervisores, que tiveram que reinventar novos modos metodológicos que incentivassem a permanência dos discentes nas aulas virtuais e que propiciassem uma troca entre professores e discentes.

¹ Acessado em 26/10/2022: <https://www.paho.org/pt/noticias/2-3-2022-pandemia-covid-19-desencadeia-aumento-25-na-prevalencia-ansiedade-e-depressao-em#:~:text=Pandemia%20de%20COVID%2D19%20desencadeia,Organiza%C3%A7%C3%A3o%20Pan%2DAmericana%20da%20Sa%C3%BAde>

² Essa foi minha primeira experiência em espaço escolar.

Figura 1: Poesia coletiva



Fonte: acervo pessoal.

Com esse novo cenário escolar, os estudantes se encontravam em uma nova realidade monótona, no qual, seus cotidianos se resumiam a suas casas e seu ciclo social aos seus núcleos familiares. Esses fatores corroboraram para o aumento de jovens ansiosos e dispersos, porque devido a reclusão social, eles passaram a ficar muitas horas expostos às telas (computadores, tablets e celulares). Com isso, o desinteresse dos discentes com a matéria dadas nas aulas de Artes era grande, sendo a interação com os demais colegas, a maior preocupação deles naquele momento em sala, pois era perceptível a necessidade de falar e de ser ouvido, por parte dos estudantes. Então, foi observado a necessidade de desenvolver atividades que criasse um ambiente prazeroso e atrativo para os discentes, pois em seu livro *Ensinando a transgredir* (2013), bell hooks explicita sua experiência como professora afirmando que a sala de aula deve ser um ambiente em que o prazer se faça presente, visto que, tanto professor quanto estudante estão em um processo horizontalizado na construção do saber (HOOKS, 2013).

Logo, para poder lidar com esse contexto escolar pandêmico, nós do PIBID³ - Artes vimos a necessidade de reinventar novos modelos metodológicos para ensino de Artes. Desse modo, um projeto foi criado por mim e mais dois bolsistas⁴, orientado pelo professor Marcelo Rocco, para ser ministrado nessas turmas virtuais. Esse projeto teve como propósito utilizar a autoficção, colocar os discentes como protagonista e criar um espaço seguro para a expressão

³ A experiência no PIBID e mais informações sobre, serão ampliadas mais adiante no artigo.

⁴ Bárbara Gonçalves e Otavio Marlon, graduandos do curso de Artes Cênicas - licenciatura, da Universidade Federal de Ouro Preto.

e criação artística, visto que eles tinham uma necessidade grande de falar de si mesmos, como eles se sentiam e como eram seus cotidianos que se resumia em suas residências e tinha um núcleo social limitado devido à época pandêmica vivida. Dessa forma, nos itens a seguir, serão compartilhados como foi trabalhar com a autoficção no contexto virtual e pós-virtual, as diferenças desses dois ambientes escolares e a noção de autoficção para as Artes Cênicas.

Autoficção: um possível artifício educativo metodológico artístico nas Artes Cênicas.

O ato de se expressar através das Artes não é uma invenção nova e nem característica específica de uma linguagem artística, como exemplifica a BNCC⁵-Artes ao trabalhar com as linguagens: Teatro, Artes Visuais, Dança e Música, com intuito de integrá-las e fazer com que os estudantes criem uma pluralidade artística, e assim como afirma o documento: “Essas linguagens articulam saberes referentes a produtos e fenômenos artísticos e envolvem as práticas de criar, ler, produzir, construir e exteriorizar e refletir sobre formas artísticas. A sensibilidade, a intuição, o pensamento, as emoções e a subjetividade se manifestam como formas de expressão no processo de aprendizagem em Arte.”⁶

Nas diversas áreas das Artes, o uso de questões pessoais para o processo criativo é constantemente usado, seja em dramaturgias, pinturas/desenhos, filmes, peças ou músicas. Logo, a utilização de sentimentos e vivências pessoais podem aproximar o público, o que o leva a se identificar com a obra feita. Algumas linguagens artísticas, como a música, têm grande potencial para tal, principalmente pela influência do gênero musical, como, por exemplo, o Rap. O álbum *Sobrevivendo no Inferno* (1997), do grupo Racionais, fala sobre a vivência dos integrantes e dos conhecidos do grupo, relatando a realidade das periferias paulistanas, que são repletas de violência policial, racismo e desigualdade social, no que resultou em uma atenção para uma nova perspectiva até então pouca ouvida: a do preto periférico. Suscitar o desejo de falar de si mesmo é um exercício mental para promover uma consciência social, pois ao pensar no seu cotidiano e vivência, o pensamento crítico pode ser alimentado e questões são trazidas à margem.

Com isso, a prática de se expressar através das Artes também pode ser um excelente instrumento utilizado no processo criativo nas aulas de Artes nas escolas brasileiras, visto que,

⁵ “A Base Nacional Comum Curricular (BNCC) é um documento de caráter normativo que define o conjunto orgânico e progressivo de aprendizagens essenciais que todos os alunos devem desenvolver ao longo das etapas e modalidades da Educação Básica.” Disponível em: <http://basenacionalcomum.mec.gov.br/>

⁶ Acessado em 02/06/2023: <http://basenacionalcomum.mec.gov.br/abase/#fundamental/arte>

a escola é um dos primeiros meios de sociabilidade da criança e do adolescente, e primeiro contato com diversidades sociais. Segundo Dayrell (1996), os estudantes que chegam à escola já passaram por um processo educativo amplo, que ocorre nas relações sociais de seu entorno e com isso carregam experiências que os definem socialmente, chegam como indivíduos sociais concretos. Porém, o sistema escolar brasileiro, com seu modelo positivista, no qual o estudante é controlado desde como sentar em sala de aula, a forma de se vestir e como receber a matéria que lhe é ensinado, o estudante tem sua individualidade e experiência diminuída nesse ambiente. Nota-se, então, que as disciplinas de Artes nas escolas brasileiras, podem ter a possibilidade de modificar esse sistema rígido, incentivando uma expressão, e proporcionando um ambiente de trocas de experiências, enquanto experimentam isso num processo artístico. E o conceito utilizado no presente artigo para trabalhar tais questões é a autoficção, pois com a sua premissa de misturar fatos com o ficcional, possibilita não só um possível afloramento na criatividade dos discentes, mas também, cria um ambiente seguro de expressão ao poder expor questões através de suas ficções.

O escritor, professor e ensaísta da literatura, o francês Serge Doubrovsky (1923) e decidiu preencher uma lacuna nos gêneros literários de sua época. Após ler o *Le Pacte autobiographique* (1975), de Philippe Lejeune, que aponta uma inexistência de um gênero que tenha o personagem com o mesmo nome de seu autor e que não seja uma biografia, Doubrovsky decide então denominar essa nova prática literária que preenchesse esse vazio apontado por Lejeune. Assim, em 1977 nasce *Fils*, seu primeiro romance autoficcional, no qual já define a obra no prefácio do livro, como mostra abaixo:

Autobiografia? Não. Esse é um privilégio reservado aos grandes desse mundo, no crepúsculo da vida, e num belo estilo. Ficção, de eventos e de fatos estritamente reais, por assim dizer, autoficção, por se haver confiado a linguagem de uma aventura à aventura da linguagem, fora dos limites da sensatez/sabedoria [sagesse] e da sintaxe do romance, tradicional ou novo. Encontros, fios/filiações [fils] de aliterações, assonâncias, dissonâncias, escritura de pré ou pós-literatura, concreta, como se diz da música. Ou então, autofricção (DOUBROVSKY, 1977, s/p apud NOGUEIRA, 2016, p.3).

No entanto, mesmo o escritor francês Doubrovsky sendo o primeiro a titular essa prática de escrita, não isenta a existência dela antes disso. Conforme afirma a Dra. Luciana Hidalgo (2013) ao citar Lima Barreto (1881-1922), famoso escritor romancista brasileiro do século XX, que produziu alguns romances biográficos como *Recordações do escrivão Isaías Caminha*. Ao enviar uma obra para revisão, Lima Barreto decide mudar o nome do protagonista que tinha o seu nome de nascença, Afonso, então, ao lançar *Vida e morte de M. J. Gonzaga de Sá* em 1919, pode ser interpretado que Lima Barreto criou uma obra autoficcional, e assim como afirma a

autora:

O que importa destacar nessa reflexão é o caráter híbrido da autoficção *avant-la-lettre* empreendida pelo escritor: ao partir do eu, de suas questões mais íntimas, Lima Barreto denunciou questões sociais, raciais e políticas coletivas. Ao unir vida e obra, o autor quebrou os rígidos códigos ficcionais da literatura de sua época, sendo recusado pela crítica, que não perdoou a virulência verbal com a qual ele expunha traumas e práticas históricas nacionais – no seu caso, eram coincidentes. (HIDALGO, 2013, p.12)

A autoficção incorpora elementos biográficos com ficcionais, rompendo com a ideia de um texto literário homogêneo. Conforme a Dra. Luciana Hidalgo: “um ponto em comum une os mais variados exercícios autoficcional: a possibilidade de apagar, ao menos embaralhar, os limites entre uma verdade de si e a ficção [...]” (HIDALGO, 2013, p.4). Logo, esse conceito em questão serve como um excelente disparador criativo, já que somos seres repletos de lembranças, vivências e experiências - e se utilizar disso para criação artística pode ser muito proveitoso.

O que denominamos como "autoficção" neste artigo, é apropriado e reelaborado para as Artes Cênicas, visando pensar uma possível metodologia artística, em que os estudantes consigam criar dramaturgias, poesias e cenas a partir de vivências pessoais, aplicando, aspectos ficcionais. Além disso, a discussão a respeito da definição teórica de autoficção é algo debatido no campo da literatura, tanto na França, quanto no Brasil, até os dias atuais. Sendo assim, neste artigo a intenção não é seguir à risca a definição de autoficção de Serge Doubrovsky, mas sim, partir de uma nova interpretação para uma possível utilização metodológica para as Artes Cênicas, seja para criação artística pessoal, seja para utilização em sala de aula, especificamente em disciplinas de Artes.

Ademais, a professora Luiza Cordeiro cria um espetáculo *Fale sobre mim (2018-2019)* com seis alunos de 13 a 14 anos, utilizando a autoficção na construção da dramaturgia em sala, a partir de seus relatos e vivências, enquanto moradores de uma área periférica do Rio de Janeiro. A necessidade de exposição desses relatos ocorreu devido ao período de violência que o bairro enfrentava e da necessidade dos alunos de compartilhar o que sentiam. Assim, o uso da narrativa deles não foi usado para aumentar estigmas, mas sim, para enaltecer as suas vivências do seu lugar de origem, de forma que não negligencie a violência local que esse grupo sofre, mas que acrescenta outra perspectiva das suas relações sociais e afetivas do lugar, que segundo a professora: “Por isso é que os materiais autobiográficos constituem a cena enquanto produto final e não simplesmente inspiram uma dramaturgia “baseada em fatos”(CORDEIRO, 2021, p. 46).

Nos estudos das Artes Cênicas, a atriz, diretora e dramaturga Janaina Leite, pesquisa o uso de materiais autobiográficos para a utilização cênica. Através do teatro documentário, a pesquisadora cria espetáculos que partem de materiais pessoais como em *Conversas com meu pai* (2014), que tem como disparador os diálogos que a atriz tinha com seu pai por via papéis com escritos, pois seu pai tinha perdido a capacidade da fala devido a uma cirurgia, e levou anos a construção do espetáculo. Outro trabalho da Janaina Leite, foi a *Festa de separação: um documentário cênico* (2008-2011), um espetáculo construído com seu ex-parceiro, o músico e filósofo Felipe Teixeira Pinto, no qual, eles criam uma dramaturgia a partir do término do relacionamento deles. O processo de construção da obra se deu por uma documentação audiovisual de festas, que aconteciam como happenings, em que o ex-casal performava para amigos e parentes que fizeram parte do ex relacionamento dos dois, e com isso tiveram material para o espetáculo. O teatro documentário tem um caráter pessoal, que parte da individualidade e afetos dos autores, mas que trata temas pessoais que são universais, criando uma identificação com público.

O uso de materiais biográficos na produção artística expõe o artista, mas nem sempre ele pode querer essa exposição ligada diretamente a sua imagem. Por isso, a autoficção pode ser um bom meio para quem quer tratar do biográfico, sem se expor diretamente, pois o ficcional “esconde” esse sujeito que não quer ser visto. Então, diferente da autoficção, o teatro documentário coloca o autor e suas questões diretamente em foco, não assume compromisso com a ficção, tem outra perspectiva sobre transformação do biográfico em obra artística, e de acordo com Janaína Leite (2014):

Em todos estes trabalhos, com propostas estéticas e políticas bastante diversas, temos em comum se tratarem de obras onde os materiais (auto)biográficos e não-ficcionais são constitutivos da cena enquanto produto final (ou seja, os depoimentos vão constituir a dramaturgia e a cena propriamente, e não apenas fomentar um processo criativo). Nesse sentido, estamos distinguindo um teatro que *fale* da realidade – o que acontece por meio de toda obra seja ela de não-ficção ou de ficção se tomamos como base o que nos propõe Paul Ricouer ao dizer que todo enunciado é uma asserção sobre o mundo –, de um teatro que se constrói justamente na articulação entre referente, documento e pacto de verdade proposto a público (LEITE, 2014, p.42).

Em vista disso, pode-se pensar que a autoficção é mais que um gênero da literatura, ela pode ser um motriz para a criação artística, se utilizando de questões pessoais, memórias de momentos importantes e de vivências marcantes de sua vida, dando um toque de ficção, para modificar as histórias como bem entender, talvez dando um novo final a uma história já vivida, podendo escrever o que aconteceu, o que poderia ter acontecido, ou o que gostaria de ter vivido na sua história. Dessa forma, a autoficção pode se tornar um excelente modo para produção artística em sala de aula. A premissa de colocar experiências próprias como fonte artística aos

alunos e alunas, resulta em uma exaltação de suas histórias de vida, explicitando para eles, que toda forma de conhecimento produzida e vivida por eles são valiosas, e merecem ser contadas e ouvidas. Como explicita Dayrell ao falar da noção de aprendizagem:

[...] concepção desenvolvida por César Coll (1994), o aluno aprende quando, de alguma forma, o conhecimento se torna significativo para ele, ou seja, quando estabelece relações substantivas e não arbitrárias entre o que se aprende e o que já conhece. É um processo de construção de significados, mediado por sua percepção sobre a escola, o professor e sua atuação, por suas expectativas, pelos conhecimentos prévios que já possui. A aprendizagem implica, assim, estabelecer um diálogo entre o conhecimento a ser ensinado e a cultura de origem do aluno (DAYRELL, 1996, p.22).

Dessa maneira, mostrar para os discentes que seus conhecimentos de bagagem e suas experiências e vivências são válidas, faz com que eles criem certa autoestima, pois salienta que suas percepções são válidas e necessárias, explorando as várias linguagens das Artes, com isso, a troca na construção do saber em sala de aula se torna plena, e esse é o meu objetivo com a autoficção. Ressalta-se que o uso da autoficção não precisa de delimitar apenas ao texto, podem ser exploradas outras linguagens artísticas, como a música, o corpo e o desenho. A seguir veremos minha primeira experiência na utilização da autoficção, no PIBID, a partir de 2020, enfrentando os desafios do meio virtual e a experiência de auxiliar os alunos a participar da primeira edição online do FESTECO, um festival de teatro que ocorre na cidade de Mariana-(MG).

O papel do PIBID – Artes: nortear novas formas de ensino em um novo cenário.

O Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (PIBID) faz parte da Universidade Federal de Ouro Preto (UFOP), desde 2009⁷, e tem como um dos objetivos incentivar a permanência dos discentes de licenciatura a permanecer na área mesmo após formados. Esse é um programa do governo federal administrado pelo CAPES (Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior). O programa “ é uma iniciativa que integra a Política Nacional de Formação de Professores do Ministério da Educação e tem por finalidade fomentar a iniciação à docência, contribuindo para o aperfeiçoamento da formação de docentes ao nível superior e para a melhoria de qualidade da educação básica pública brasileira.”⁸. Com isso, o PIBID é geralmente o primeiro contato dos discentes de licenciatura com a sala de aula, possibilitando a experiência do cotidiano escolar, e a experimentação e criação de práticas metodológicas. Dessa maneira, o programa cria diretamente uma conexão com ensino básico da cidade que se localiza a universidade, resultando em uma troca de conhecimentos entre

⁷ Acessado em 01/12/2022: <https://www.prograd.ufop.br/%3Cnolink%3E/pibid-ufop>

⁸Disponível em: <https://www.gov.br/capes/pt-br/aceso-a-informacao/acoes-e-programas/educacao-basica/pibid/pibid>

ambos os lados, da comunidade acadêmica e dos moradores locais, neste caso, de Mariana – (MG).

Além disso, o PIBID é constituído por subprojetos separados por áreas do conhecimento. Assim, o PIBID – Artes, que foi de 2020 a 2022, englobavam os cursos de Artes Cênicas e Música, da UFOP, promovendo uma interdisciplinaridade que foi muito enriquecedora para o programa, e o subprojeto do PIBID- Artes se delimitou em três eixos temáticos: jogos teatrais, performance e sustentabilidade, sendo a performance o eixo escolhido do meu grupo. O termo performance é sob viés das Artes Cênicas, assim como explica Douglas Garcia e Marcelo Gasperi (2020):

As noções de performatividade – inseridas, então, nos Estudos da Performance, cujo recorte é o campo artístico – referem-se, em parte, à consciência de um espaço compartilhado, de um lugar de comunhão em que o performer e o espectador dividem a presença no mesmo ambiente. Neste lugar, torna-se difícil desvincular a noção de “vida” do que é próprio do “caráter cênico”, pois as fronteiras na relação palco-plateia, ator-performer, real-ficcional, se diluem. No acontecimento em que o ato performativo é instaurado, o teatro e a vida se imbricam de tal forma que as características particulares das ficcionalidades e as compreensões da vida social, pautadas no caráter real, têm suas linhas imaginárias rompidas, em uma construção sequencial de diferentes atravessamentos, em que os efeitos do real e do ficcional se dissolvem (GARCIA; GASPERI, p.4-5).

Dessa forma, o coordenador da área de Artes do programa, Marcelo Rocco, orientou meu trio a criar um projeto para ministrar nas turmas que estávamos acompanhando, nessa proposta da performance de mesclar o real e o ficcional, onde as noções de vida social e o ficcional se misturam, e assim decidimos trabalhar com a autoficção. Então, juntamente com os graduandos Otavio Marlon e Barbara Gonçalves, elaboramos um projeto intitulado: “A autoficção e o processo colaborativo na socialização dentro do ambiente virtual escolar”. O projeto teve como objetivo a desenvoltura dos alunos em sala de aula, para que contribuísse com uma maior interação entre discentes e também com os docentes presentes, criando assim, um ambiente mais prazeroso, que proporcionasse uma atmosfera artística onde os discentes se sentiram confiantes para a criação, individual ou colaborativa, e eram protagonistas de suas próprias obras, evidenciando que seus sentimentos e experiências vividas eram legítimas.

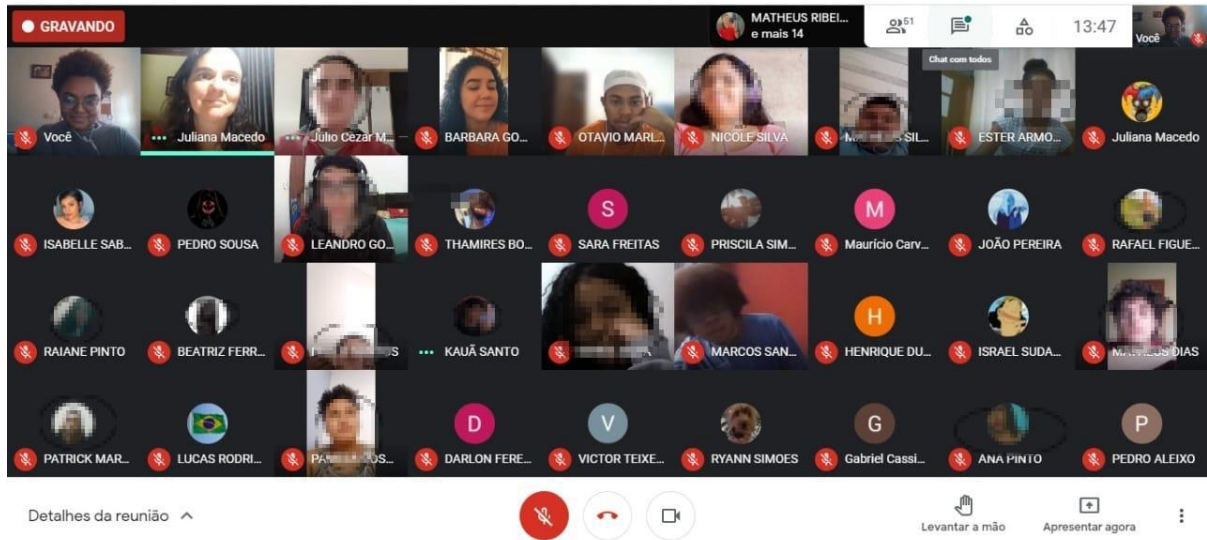
O PIBID – Artes ocorreu na Escola Estadual João Ramos Filho⁹, localizada na cidade Mariana – (MG). Pertencente a um bairro periférico da cidade, esta escola tem uma boa reputação, por ter um grande incentivo as Artes, e em especial ao teatro. Sendo todas as aulas no âmbito virtual, foi acompanhado pelos pibidianos as turmas do ensino médio, que meu trio

⁹ Rua Diamantina, 791 – Cabanas. Mariana – MG,35420-000.

ficou responsável pelo primeiro ano. No entanto, o primeiro desafio já se instaura, ao ter que lidar com uma turma lotada, chegando a 60 estudantes por chamada - apesar de não se manter essa quantidade até o final do ano letivo. O segundo desafio foi o uso de vídeo e microfone nas chamadas. Vários discentes não abriam a câmera por vergonha ou porque não tinham em seus computadores, a interação por microfone era difícil, pois, usavam na hora indevida ou não usavam. Outro fator a ser ressaltado, é a falta de horário exclusivo para aula. Com os discentes assistindo aula em casa, eles eram obrigados a conciliar, às vezes simultaneamente, tarefas de casa, como afazeres domésticos e cuidar de um irmão mais novo, enquanto participava da aula, ou assistir à aula enquanto trabalhavam, pois devido à pandemia, muitas famílias perderam suas principais fontes de renda, e até pessoas mais jovens do núcleo familiar foram obrigados a trabalhar para ajudar no sustento da família. Esse é um dos aspectos da desigualdade social que afeta diretamente a educação, pois enquanto os familiares trabalham sendo expostos durante uma pandemia, os filhos/estudantes são responsáveis a realizar mais afazeres de casa, como foi observado no caso de alguns dos nossos estudantes.

Assim, foi elaborado atividades autoficcionais que instigassem os discentes a exporem questões que os incomodavam, seja do cotidiano ou do lado mais subjetivo, no que derivou em um aumento da participação em sala de aula, e posteriormente os discentes começaram a abrir os microfones e câmeras. Ministramos atividades como Poema coletivo - a atividade se iniciava com um tema escolhido em grupo e em seguida os discentes começavam a escrever o que sentiam sobre o tema em forma de poema; Mapa mental - os discentes tinham que descrever seus trajetos de casa até a escola, e descrever detalhes que os chamavam a atenção no decorrer do caminho. Em seguida, foi conversado sobre o que eles mais sentiam falta da escola. Foi um momento de troca muito enriquecedora da turma e o início de uma aproximação entre eles; e Roteiro coletivo - Foi sorteado um tema, e o tema escolhido foi racismo. A atividade consistia em criar personagens, figurinos, cenários num processo colaborativo partindo da concepção de cada um ou baseado na própria vivência. Ao final dos exercícios discutimos o porquê dos traços escolhidos aos personagens, o porquê de duas profissões e situações vividas no contexto do roteiro, enquanto era debatido questões e relatos sobre racismo entre outros sendo observado que nessas aulas os alunos abriam mais as câmeras. Conseqüentemente as aulas começaram a ser muito mais prazerosas e a presença dos alunos começou a ser constante, cerca de 25 alunos frequentavam as aulas toda semana.

Figura 2: Discentes participando da aula de Artes.



Fonte: acervo pessoal, 2021.

Diante disso, o nosso projeto também serviu como auxílio aos estudantes para montar suas apresentações para o FESTECO¹⁰ (Festival de Teatro Comunitário de Mariana), no qual os mesmos eram incentivados a participar, e era uma atividade avaliativa bimestral da escola. O tema do FESTECO 2021 foi: “Confinamentos e Resistência”, sendo pela primeira vez na história do festival, ocorrendo no modo online/virtual. No entanto, mesmo com a disseminação de redes sociais que incentivam o consumo e produção de vídeos, como o *Instagram* e *TikTok*, ainda era um ambiente novo não só para os discentes, mas para toda comunidade artísticas que obrigada a levar sua profissão para o modo virtual para sobreviver durante a pandemia.

De acordo com Eliana Correia et al. (2022), devido às investigações a partir de diferentes mídias, os artistas ampliaram a reflexão sobre a discussão e pesquisa dessas diferentes mídias, pois, mesmo o uso de tecnologias no meio teatral não sendo algo novo, estando presente como, por exemplo nas artes audiovisuais, a situação vivida da época era nova. A possibilidade de fazer teatro apenas no meio virtual levantou dúvidas e medos, com o fim do teatro presencial, ou mudanças permanentes nas noções básicas do teatro, assim como aponta Correia et al (2022):

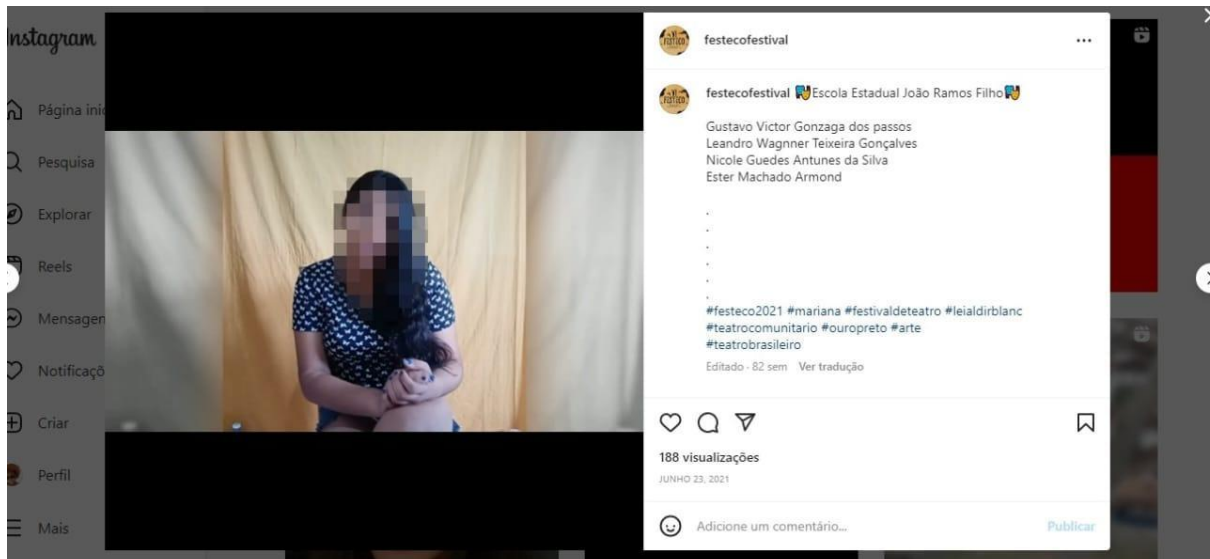
“Digitalizar o teatro” tornou-se uma arena de discussão, reelaborando as noções do que vem a ser os fundamentos da arte teatral, pois aqui as noções de realidade, real, tempo, espaço tornam-se fragmentadas, distorcidas e rearranjadas. O seu *corpus* de investigação reinventa conteúdos, gerando outras leituras aos olhares habituados a formas tradicionais de consumo de imagens. Isto gera um desafio ao espectador, pois ele precisa desalojar uma ótica usual de leitura acerca da coreografia esperada, com

¹⁰ O FESTECO foi criado pela professora Juliana Conte e ele ocorre com ajuda da escola e da comunidade local. O festival, atualmente, está na sua sexta edição e recebe diversos artistas da região, e ocorre em Ouro Preto-MG e Mariana-MG. Graças ao festival, os alunos do ensino médio da Escola Estadual João Ramos Filho são incentivados a ter contato com o Teatro durante todo o ensino médio, criando um espetáculo por ano.

clímax desejado e com finalizações normatizadas. (CORREIRA, Eliana et al. 2022, p.513.)

Além disso, explicamos conceitos básicos da montagem audiovisual, como construção de roteiro, maquiagem, figurino e edição de vídeo para contribuir na elaboração dos vídeos para o FESTEKO. Os trabalhos eram realizados em grupos, e por isso, sugerimos um modo de divisão de tarefas mais colaborativo, pois cada um poderia ficar na área que mais lhe agradava, mas ainda, sim, participaria das outras também. Desse modo, como a interação dos estudantes eram pouca, devido ao fator virtual, e eles tinham que trabalhar em conjunto, o processo¹¹ colaborativo foi um enorme facilitador, pois todos contribuíram em todas as etapas do vídeo. Os vídeos do FESTEKO 2021 se encontram no *Instagram* dele @festecofestival¹²:

Figura 3: O grupo que auxiliamos participando do FESTEKO 2021.



Fonte: acervo pessoal, 2021.

Por consequência do tema do festival, grande parte dos trabalhos perpassaram por vários assuntos subjetivos, pois os estudantes se encontravam confinados devido à pandemia e perderam seu principal ambiente socializador, a escola. A autoficção contribuiu para realização de alguns desses trabalhos realizado no FESTEKO, pois através dos exercícios autoficcionais, os discentes tiveram conhecimento que suas vivências e sentimentos, poderia servir de conteúdo para a elaboração dos vídeos. Dessa maneira, o FESTEKO 2021 foi uma oportunidade de observar a desenvoltura dos alunos ao incentivo da exposição de si mesmos em forma de arte,

¹¹ A ideia de processo colaborativo advém do Teatro Vertigem, mas não será aprofundado no presente artigo, pois não é foco. Teatro vertigem é uma companhia de teatro brasileira paulista, que surgiu em 1991. Leia sobre em: <https://www.teatrovertigem.com.br/sobre>

¹² Acessado 21/01/2023: <https://www.instagram.com/festecofestival/?hl=pt-br>

porque foi possível ver que eles estavam dispostos a enfrentar o medo das câmeras, as dificuldades de lidar com as tecnologias e do trabalho em grupo em prol de expressarem os seus sentimentos, e de serem ouvidos e assistidos, pois segundo Luciana Nogueira (2016): “autoficção, portanto, transforma o “si mesmo” em espetáculo, a partir dessa múltipla projeção de si, no texto, enquanto autor, narrador e protagonista”(NOGUEIRA, 2016, p 7).

O projeto continuou em andamento no ano letivo seguinte, mesmo com as mudanças de turmas. Cada linguagem artística mudava conforme o interesse dos discentes, ministramos atividades com música, jogos teatrais e construções de histórias. No entanto, o projeto não teve o final idealizado pelo grupo, que era a criação de cenas a partir de histórias colaborativas criadas pelos alunos e alunas, em diferentes linguagens (desenho, áudio, dança). Devido aos atrasos das bolsas do PIBID - Artes, e a volta das aulas presenciais - mesmo com grande parte das populações da região de Ouro Preto e Mariana não vacinada, nós bolsistas fomos impossibilitados de ir às aulas. Porém, como as atividades do projeto era processual, mesmo sem trabalho final, foi possível observar a potencialidade do conceito trabalhado, o que instigou a continuar a pesquisa nos estágios. Dessa forma, no próximo item será discutido a autoficção no contexto escolar presencial, com novas abordagens e outros desafios no âmbito escolar, o que permitiu aprofundamento da experimentação do conceito e o surgimento de novas percepções.

A autoficção em prática: um desafio no presencial pós-isolamento social.

Ao propor uma atividade aos alunos do 9º ano da Escola Marília de Dirceu em Ouro Preto- (MG)¹³, que consistia em personificar em desenho um tema recebido, uma aluna me surpreendeu ao expor o desenho dela. Os discentes desenvolviam uma atividade que consistia na elaboração de um desenho de alguns determinados temas¹⁴. O tema recebido por ela foi esperança, e ela teve o desafio de colocar o significado dessa palavra para ela em desenho, e após pensar muito e debater comigo e com seus colegas de classe, ela desenhou com toda confiança a bandeira do Brasil:

¹³ Endereço: Largo Marília de Dirceu, 40 – Antônio Dias. Ouro Preto - MG, 35400-000.

¹⁴ A atividade em questão será explicada mais adiante.

Figura 2: Exercício autoficcional - tema esperança.



Fonte: acervo pessoal, 2022.

Um desenho da bandeira do Brasil rodeado pelas palavras “futuro” e “esperança”, feito por uma menina de 14 anos, não poderia ser mais emblemático, pois o desenho representava bem o momento vivido não só pela comunidade ouropretana, mas sim, pelo Brasil inteiro. Após o país ser devastado pela COVID-19, com cerca de 696.324 mil mortos só no país¹⁵, a volta ao cotidiano “normal” era cheio de esperança, mas ainda carregado de medo. Em 2022, as aulas presenciais voltaram obrigatoriamente em todo estado de Minas Gerais, no entanto, o Ministério da Educação, influenciado pelo governo negacionista de Jair Bolsonaro (2019-2022) não implementou a carteira de vacinação obrigatória para volta as aulas, alegando que não queria “obrigar” as pessoas a se sentirem pressionadas a se vacinar, mesmo sendo comprovado cientificamente a eficácia da vacina (MANSUR, G1 Minas, 2022).

Nesse contexto, após algumas semanas de observação ativa nas três turmas do 9º ano, foi observado algumas questões que foram essenciais ¹⁶para elaboração das minhas atividades de regência no estágio. Então, elaborei um plano de atividade que os incentivassem a se

¹⁵ Esse número de vítimas consta no painel de doenças causada pelo coronavírus, feito pelo ministério da saúde, e esse número é referente a 23/01/2023. Disponível em: <https://covid.saude.gov.br/>

¹⁶

Seguindo o protocolo de segurança com o uso de máscaras e o uso de álcool em gel, as aulas nas escolas mineiras voltaram totalmente presenciais no ano de 2022, porém, com salas lotadas, variando de 34 a 40 estudantes, foi necessário pensar atividade que não envolvia muito contato físico, para garantir a segurança de todos, pois muitos estudantes ainda não estavam vacinados.

expressarem e que trabalhassem em conjunto, visto que um dos pontos que constatei no período de observação ativa foi o afastamento dos discentes uns com os outros, e a falta de vontade de realizar qualquer atividade. Com isso, comecei propondo uma discussão: “como se contar uma história?”, as respostas foram diversas, para alguns, era através da fala, para outros, era através de imagens (filmes e séries) etc. Continuei a provocação sugerindo outras linguagens, como contar histórias com o som, seja pela música ou paisagem sonora; por desenho, seja o desenho estático, de um desenho pessoal ou um quadro de uma obra de arte ou uma animação como costumamos ver na TV. O propósito dessa provocação foi para saber o nível de entendimentos que eles tinham das linguagens artísticas, pois pretendia explorar isso no meu plano de atividades. Dessa maneira, a primeira atividade consistia em separar a sala em quatro grupos de forma aleatória, sendo cada grupo responsável por um tema: esperança, coragem, ansiedade e medo. Destaca-se que a organização não usual da sala influenciou positivamente nas atividades propostas, sendo a sala de Artes ¹⁷ composta por quatro mesas grandes e diferentes números de cadeiras em cada uma delas, o que resultou em uma aproximação involuntária dos estudantes, pois os incentivava com mais facilidade a debater e elaborar exercícios juntos.

Além disso, com os quatro temas separados por grupos, pedi para que eles escrevessem de modo livre o que entendiam do tema individualmente. Pontua-se que a princípio, meu plano de aula tinha como objetivo explorar alguns tipos de linguagens, como a escrita, o desenho, a música e fotografia até chegar no corpo, mas, na prática surgiram alguns empecilhos, que barraram a desenvoltura do plano inicial. Grande parte dos discentes tinham problemas com a escrita, seja por muito medo de errar, perder pontos ou simplesmente não tinham autoestima para tal. Com isso, fiquei de mesa em mesa conversando com os discentes, e explicitando a eles que meu objetivo era ouvi-los e não os avaliar. Com o tempo eles começaram a se sentir à vontade e a atividade foi sendo feita. A segunda etapa, envolvia a elaboração de uma história, com o mesmo tema, porém, o texto tinha que ser coletivo, agregando semelhanças ou interesses em comuns de todos da mesa sobre o tema, assim começou a desenvolver a autoficção.

¹⁷ A professora supervisora reivindicou uma sala abandonada que havia na escola para ter a utilização exclusiva para as aulas dela, e assim foi criada a sala de Artes. A professora supervisora Leticia Issene, com ajuda minha e dos meus colegas de estágio Otavio Marlon e Filipe Conde, montamos do zero a sala em questão. Com o decorrer do tempo, nos horários vagos, limpamos, montamos com mesas e cadeiras da própria escola e decoramos a sala com obras já feitas pelos próprios discentes de diferentes turmas. Foi observado a mudança de astral das turmas, que só de sair do seu ambiente cotidiano, a sala tradicional, e já entrava nas aulas de Artes com mais empolgação.

Alguns discentes encontraram dificuldades de elaborar histórias no sentido mais lúdico, que era a proposta inicial. De modo, que alguns dos textos produzidos por eles, se caracterizavam mais como um relato, um desabafo, do que uma história como eu tinha pedido a princípio. Determinados estudantes, basicamente, no primeiro momento trataram mais do biográfico, deixando a ficção em segundo plano. Foi perceptível a mudança na atmosfera do ambiente escolar, os discentes se encontravam mais empenhados a interagir entre si e começaram a se sentir mais seguros para compartilhar suas questões sobre o tema, porque “a construção de uma dramaturgia autoral e autoficcional é também uma busca por dar sentido ao que somos, a quem somos e ao que nos afeta cotidianamente”(CORDEIRO, 2020, p.37). Os textos perpassaram por várias perspectivas e vivências, em sua grande maioria falava sobre o medo de ficar sozinho, de perder entes queridos, de não conseguir realizar sonhos e ambições, medo de algum parente violento, entre outros, tornando a sala de aula em um ambiente seguro de diálogo e desabafo, com o auxílio da autoficção. Assim como afirma a Dra. Anna Faedrich Martins (2014):

A teoria da autoficção mostra a emergência de uma escritura confessional, o “sujeito ressuscitado” a que Sarlo se refere; as escritas do eu fazem parte de um sistema confessional instituído na sociedade burguesa, conforme analisa Foucault, onde o eu é guardador de um segredo, uma experiência riquíssima, que merece ser compartilhada e que é preciso confessar. (MARTINS, 2014, p. 166)

Esse caráter “confessional” que emerge com o auxílio da autoficção, pode ser interpretado como um escape dos alunos, no qual visam se exporem totalmente, não encontrando outro ambiente que propicie isso, ou não se sentindo à vontade para tal. O confessional pode ser visto como um momento de expurgo de sentimentos, que você normalmente não iria expor, mas em processo criativo, torna-se necessário e seguro a exposição desses sentimentos. Segundo Leite (2014), uso do biográfico para produção cênica foge de um caráter narcisista, pois os temas abordados, mesmo que pessoais, esses relatos podem ser de caráter universais, que gera uma onda de identificação do público com a obra, tirando o caráter narcisista (LEITE, 2014, p.48). Cada sujeito, com sua vivência subjetiva referente ao seu contexto social, terá sua própria experiência nesse trajeto, mas, segundo o contexto vivido, como no caso a pandemia mundial causada pela Covid-19, há sentimentos que são comuns a todos, como o medo do futuro, medo da morte, preocupação com o sustento financeiro, e entre outros. Desse modo, a utilização da autoficção sob um viés confessional, ao invés de ser vista como algo narcisista, pode ser interpretada como um modo de aproximação, seja de artista com plateia ou de discente com discente/docente.

Sendo assim, saliento também que a intenção da atividade nunca foi de terapia, pois foge da competência do professor de Artes, mas sim da expressão, insinuando para os discentes que é possível trabalhar artisticamente com os sentimentos que eles carregam, e que é saudável e benéfico psicologicamente, comentar sobre questões subjetivas que os incomodavam. A autoficção serve como ponte para expor questões pessoais que os afligem em forma artística, e não para tratar problemas psicológicos, conforme a autora bell hooks (2013).

[..] A sala de aula, com todas as suas limitações, continua sendo um ambiente de possibilidades. Nesse campo de possibilidades, temos a oportunidade de trabalhar pela liberdade, de exigir de nós e dos nossos camaradas uma abertura da mente e do coração e que nos permita encarar a realidade ao mesmo tempo em que, coletivamente, imaginamos esquemas para cruzar fronteiras, para transgredir. Isso é a educação como prática de liberdade. (HOOKS, 2013, p.273).

À vista disso, a alternativa de explorar as diversas possibilidades do ambiente escolar tem que ser colocada como desafio, porque a intenção de inovar nos métodos de ensino, é o que mantém a sala de aula viva. De modo que, a prática da escrita em sala, mesmo que com dificuldades e resistência de alguns estudantes, frutificou em ótimos relatos e experiências, nas três turmas do 9º ano, o que promoveu uma aproximação entre todos da sala, e o interesse em realizar novas atividades no mesmo viés. Então, após uma grande solicitação dos discentes, fomos desenvolver atividades com desenho. A proposta foi que eles realizassem um desenho com o tema já trabalhado por eles, e que retratasse uma situação, podendo ser de forma simbólica ou literal. O resultado foi surpreendente, e dessa vez eles se permitiram trabalhar mais com o lúdico.

Figura 3: Desenho autoficcional - Medo desse amor.



Fonte: acervo pessoal, 2022

Para os alunos que estavam com dificuldade de colocar suas questões no papel, eu sugeri que eles imaginassem estarem fazendo um filme, baseado no tema deles, e que eles teriam que me mostrar uma determinada cena desse filme que representaria muito bem o que eles queriam transmitir. Essa aluna colocou no papel um dos maiores medos de qualquer pessoa, a rejeição amorosa. Foi um dos temas mais citados, referente ao medo, em todas as turmas e ela conseguiu passar isso muito bem. O desenho era sobre o que ela passou e como ela estava se sentindo, mas o desenho não a retratava literalmente - essa foi uma das discentes que conseguiu pegar na íntegra o que propus. Ela era uma pessoa muito tímida, e quando perguntei porque ela não se desenhava na cena, ela disse que tinha vergonha, então criou um "filme" com outros personagens. Conforme a professora Luiza Cordeiro (2020): "[...] o trabalho com as narrativas de si no campo da autoficção consegue lançar um olhar poético e mobilizador diante da história de vida dos sujeitos envolvidos na criação" (CORDEIRO, 2020 p.34) Desse modo, com o auxílio da autoficção, a discente conseguiu se expressar com convicção e de forma clara os seus sentimentos de forma muito fácil, visto que ela é uma pessoa extremamente tímida. Através da autoficção ela conseguiu trabalhar uma questão que a afligia sem se colocar em foco.

Ademais, em sua dissertação, Luiza Cordeiro (2020) cita a pesquisadora Diana Klinger, que fala da segunda onda de escritas de si nos anos 70 e 80 em países que tiveram ditaduras, e com isso surgiram muitos textos de relatos e vivências políticas de jovens, no qual Klinger sugere que essas pessoas eram a voz da geração delas (CORDEIRO, 2020, p.39). Seguindo essa

linha de raciocínio, pode-se fazer um paralelo com a contemporaneidade, porque assim como no século XX, que a prática da autoescrita cresce, devido à decorrência de duas grandes guerras e várias ditaduras pelo mundo, na atualidade, o mundo passa por situações nunca vividas, como foi a pandemia mundial, fora todo contexto tecnológico, que nos incentiva ao individualismo etc. Esses fatores despertam várias questões em todas as pessoas pelo mundo, e com as redes sociais, e o incentivo a autoexposição, as pessoas tendem a cada vez mais querer falar de si mesmas.

Voltando nosso olhar a escola, e especificamente aos jovens, a pandemia causada pela COVID-19, os privou de dois anos de socialização, as consequências disso a longo prazo, não sabemos, mas era perceptível a necessidade dos discentes em serem ouvidos. A autoficção, além de um meio para a expressão, é um modo dos alunos se colocarem politicamente no ambiente escolar e na sociedade, visto que, mesmo que seja por meio de processos artísticos, eles podem reivindicar seus locais de fala, suas angústias, se colocando direta ou indiretamente em foco.

Voltando nosso olhar para a perspectiva teatral, podemos concluir que há um forte lugar político na cena autoficcional. No gesto de recriar a si mesmo estaríamos lançando um olhar poético e enérgico diante de nossa própria história. Ao compor com esses materiais pessoais, estaríamos transpondo a vida ao campo do improvável e do impossível, assumindo outros modos de relação. Nesse sentido, o trabalho com narrativas autoficcionais promoveria novos agenciamentos de gestos, ações e composições na cena teatral contemporânea. (CORDEIRO, 2020, p.40).

As práticas de escrita de si, seja autoficção, teatro documentário, performance entre outros, estão cada vez mais em cena e nota-se a necessidade de ministrá-las em sala de aula. Deste modo, a necessidade dos jovens discentes de se expressarem artisticamente é grande, seja no ambiente escolar ou nas redes sociais, e essas práticas de escrita auxiliam nesse processo, pois “ao mesmo tempo, em que a obra acontece, ela produz memória de si. O espectador não está apenas diante dos autores da obra como também diante de suas indagações, presenciando a dissolução dos limites entre vida /arte, processo/ produto e seus atravessamentos”(RANGEL, 2020, p.43) .

Considerações finais

A pandemia causada pela COVID-19 devastou o país e nos fez repensar nos vários modos de atuação na sociedade. Na educação, além de evidenciar a importância dessa instituição social na formação dos jovens, explicitou a desigualdade social e a necessidade de

reinventar novos modos metodológicos que façam os jovens permanecerem na escola. Não só em momentos de desastres, mas a educação tem que ser sempre repensada para se readaptar aos avanços tecnológicos e sociais na sociedade atual, para assim criar um ambiente mais prazeroso e instigar a permanência dos discentes no ambiente escolar.

Além disso, graças a programas de incentivo à docência como o PIBID, jovens docentes já começam a vivenciar a realidade da situação escolar nas escolas públicas brasileiras e a se preparar academicamente para lidar com a vida profissional. Na minha experiência acadêmica pude perceber como essa experiência modificou a minha visão da licenciatura ao me colocar em contato direto com as salas de aulas. Por isso, resalto a importância da continuidade de programas direcionados a licenciatura, que através do contato direto com a sala de aula, motivem os licenciandos a pensarem novas formas metodológicas de aprimorar o ensino de Artes no decorrer de sua graduação, gerando um benefício profissional e social, para esse futuro professor ou professora.

O campo da autoficção nas Artes Cênicas ainda está no começo, mas tem um longo caminho para se estabelecer. É perceptivo que há espaço e necessidade para prática, tanto pelo contexto da pandemia vivida, quanto pelos meios tecnológicos que incentivam a autoexposição. A necessidade de compartilhar percepções, sentimentos e vivência atualmente é notória. A autoficção se torna um excelente meio, pois pode-se escolher como se expor nesse processo artístico, seja se colocando em foco ou não. Dessa forma, pretendo continuar a pesquisar a autoficção e sua aplicação nas Artes Cênicas, na elaboração de futuros espetáculos e principalmente na utilização como metodologia em sala de aula, pois foi notório a mudança do ambiente escolar, ao colocar os discentes como protagonistas de suas obras.

REFERÊNCIAS

CORDEIRO, Luiza Rangel. **Fale sobre mim: Teatro e Autoficção na Escola Pública**. Orientadora: Dra. Rosyane Trotta. 2020. 122 f. Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-Graduação em Ensino de Artes Cênicas – PPGEAC/ Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, UNIRIO, Rio de Janeiro, 2020. Disponível em: <http://www.unirio.br/cla/ppgeac/dissertacoes-defendidas-em-2020/fale-sobre-mim-teatro-e-autoficcao-na-escola-publica/view>. Acesso em: 8 fev. 2023.

CORREIA, Eliana Rosa et al. **Cenas virtuais: antes, durante e o depois da pandemia**. ABRACE: **Artes da cena e direitos humanos em tempos de pandemia e pós-pandemia**. Rio Branco: Stricto Sensu Editora, 2022. Disponível em: <http://portalabrace.org/novo2022/ebooks/artes-da-cena-e-direitos-humanosem-tempos-de-pandemiae-pos-pandemia-2/>. Acesso em: 10 jan. 2023.

DAYRELL, Juarez. A escola como espaço sócio-cultural. In: _____. (Org.). **Múltiplos olhares sobre educação e cultura**. Minas Gerais: UFMG, 1996. Disponível em: <https://ensinosociologia.pimentalab.net/files/2010/09/Dayrell-1996-Escola-esp%C3%A7o-socio-cultural.pdf> . Acesso em: 5 dez 2022.

FAEDRICH, Anna Martins. **Autoficções: do conceito teórico à prática na literatura brasileira contemporânea**. Orientadora: Dr^a. Ana Maria Lisboa de Mello. 2014. 252 f. Tese (Doutorado - Programa de Pós-Graduação em Letras - Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2014. Disponível em: <https://repositorio.pucrs.br/dspace/handle/10923/5746>. Acesso em: 26 nov 2022.

GASPERI, Marcelo Eduardo Rocco de; GARCIA, Douglas. PIBID artes e filosofia na UFOP: a performatividade do professor em formação. In: **V Jornada Ibero-Americana de Pesquisas em Políticas Educacionais e Experiências Interdisciplinares na Educação**. Anais Curitiba (PR) Evento Online, 2020. Disponível em: <https://www.even3.com.br/anais/vjorneduc/244879-pibid-artes-e-filosofia-na-ufop--a-performatividade-do-professor-em-formacao/>. Acesso em: 2 dez. 2022.

HIDALGO, Luciana. **Autoficção brasileira: influências francesas, indefinições teóricas**. Alea, Rio de Janeiro. vol. 15/1, jan-jun/2013, p. 218-231. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/alea/v15n1/a14v15n1.pdf>. Acesso em: 5 dez. 2022.

Hooks, bell. **Ensinando a transgredir: a educação como prática da liberdade**. Tradução: Marcelo Brandão Cipolla. São Paulo: Editora Martins Fontes. 2013. 286p. Disponível em: https://www.ufrb.edu.br/ppgcom/images/bell_hooks_-_Ensinando_a_Transgredir_1.pdf. Acesso em: 26 nov 2022.

LEITE, Janaina Fontes. **Autoescrituras performativas: do diário à cena**. As teorias do autobiográfico como suporte para a reflexão sobre a cena contemporânea. Orientador: Dr. Felisberto Sabino da Costa. 2014. 119 f. Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós- Graduação de Artes Cênicas – Escola de Comunicação e Artes/ Universidade de São Paulo, São Paulo, 2014. Disponível em: <https://teses.usp.br/teses/disponiveis/27/27156/tde-27022015-160605/pt-br.php>. Acesso em: 7 fev. 2023.

MANSUR, Rafaela. **Veja quando e como será o retorno as aulas em Minas Gerais em 2022**. G1 Minas, Belo Horizonte, 10/01/2022. Disponível em: <https://g1.globo.com/mg/minas-gerais/noticia/2022/01/10/veja-quando-e-como-sera-o-retorno-as-aulas-em-minas-gerais-em-2022.ghtml>. Acesso em: 10 jan 2023.

NOGUEIRA, Luciana Persice. **A autoficção de s. Doubrovsky e o registro da memória de si: obra em Si Bemol**, UERJ Rio de Janeiro, p. 6150-6158, setembro de 2016. Disponível em: <https://abralic.org.br/anais-artigos/?id=1545> . Acesso em: 5 dez. 2022.

VAZQUEZ, D. A.; CAETANO, S. C.; SCHLEGEL, R.; LOURENÇO, E.; NEMI, A.; SLEMIAN, A.; SANCHEZ, Z. M. Vida sem escola e saúde mental dos estudantes de escolas públicas na pandemia de Covid-19. **Saúde em Debate**, [S. l.], v. 46, n. 133 Apr-Jun, p. 304–317, 2022. Disponível em: <https://www.saudeemdebate.org.br/sed/article/view/6186>. Acesso em: 16 mar 2023.